

A ANTROPOLOGIA INQUIETA DE VICTOR TURNER

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2023.194543

DOSSIÊ MUNDOS EM PERFORMANCE: NAPEDRA
20 ANOS

**MARIA LAURA VIVEIROS DE CASTRO
CAVALCANTI**

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-5415-3091>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil,
20051-070 – ppgsa@ifcs.ufrj.br

RESUMO

A partir de uma visão geral da formação e obra de Victor Witter Turner e de sua recepção pela antropologia brasileira iniciada nos anos 1970, o artigo focaliza o livro *Schism and Continuity in an African Society*, de 1957, resultante da pesquisa realizada pelo casal Turner na primeira metade dos anos 1950 entre os Ndembu, habitantes do noroeste da atual Zâmbia. Argumenta-se que o impulso propulsor da criativa inquietude que caracteriza a obra de Turner pode ser apreendido por meio de uma leitura etnográfica do conceito de drama social, em meio ao qual a noção de ritual emerge como potente contracorrente narrativa. O foco nessa noção permite indicar desdobramentos conceituais futuros do autor nos quais a etnografia dos Ndembu veio dialogar com temas como a brancura da baleia do romance *Moby Dick* de Herman Melville, as sagas nórdicas, as peregrinações católicas, as ordens franciscanas, o movimento *hippie* e as performances teatrais.

PALAVRAS-CHAVE

Victor Turner; Drama;
Ritual; Performance;
Etnografia.

ABSTRACT

Based on an overview on Victor Witter Turner's theoretical background and production and a brief discussion on its reception by Brazilian anthropologists since the 1970s, this paper focuses on Turner's first book *Schism and Continuity in an African Society*. Published in 1957, it resulted from research carried out by Victor and Edith Turner in the first half of the 1950s among the Ndembu, inhabitants of the northwest of present-day Zambia. The text argues that the driving creative restlessness characteristic of Turner's work can be understood by

KEYWORDS

Victor Turner;
Drama; Ritual;
Performance;
Ethnography.

an ethnographic reading of the concept of social drama, from which the notion of ritual emerges as a powerful narrative countercurrent. The focus on this notion allows this analysis to provide a glimpse into the author's future conceptual developments, when the ethnography of the Ndembu dialogues with themes such as the whiteness of the whale in Herman Melville's *Moby Dick*, the Nordic sagas, the pilgrimages Catholic Churches, Franciscan Orders, the Hippie Movement and Theater Performances.

Victor Witter Turner (1920-1983) é autor de uma obra vasta e multifacetada que acompanha parte significativa da história da antropologia no século XX e repercute mundialmente desde então. Seus livros abrangem um amplo arco temporal. Iniciado nos anos 1950, no cerne da antropologia social britânica de meados daquele século, seu percurso intelectual prossegue no ambiente contracultural norte-americano dos anos 1960 e, entre o final dos anos 1970 e o início dos 1980, redireciona-se para o teatro experimental no contexto do interesse pós-moderno pela performance, do qual ele mesmo se via como um precursor.

Entre um ponto e outro, são muitas as formulações inovadoras e os trânsitos entre Europa, África e Américas. O impacto de suas ideias chegou à antropologia feita no Brasil no início dos anos 1970, graças a Roberto DaMatta, apresentado ao pensamento de Turner no curso de aperfeiçoamento em antropologia social realizado em 1963 e 1964 na Universidade de Harvard, em Cambridge, Massachusetts (EUA). DaMatta interessou-se profundamente pela ideia do ritual como uma dimensão decisiva da vida social, e seu contato com Turner aprofundou-se no mestrado e doutoramento, realizados entre 1967 e 1971 na mesma universidade. A convite de DaMatta, então professor no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Victor Turner veio ao Rio em 1981. Desse contato próximo resultaram os artigos "Carnival in Rio" (V. Turner 1987a) (em diálogo com Roberto DaMatta 1973; 1979), e "Social Dramas in Brazilian Umbanda" (V. Turner 1987b) (em diálogo com Yvonne Maggie 1975). Desde então, em suas diferentes fases e facetas, a obra de Victor Turner repercute amplamente entre nós.¹

Neste texto, longe de qualquer abordagem exaustiva de tão vasto conjunto, retomo de modo esquemático o fio de argumentos detalhados e aprofundados em meu livro *Drama, Ritual e Performance: a Antropologia*

1. A marcante repercussão do pensamento do autor em nosso país pode ser atestada não só pelos casos exemplares de DaMatta (1979; 2000) e de Maggie (1975), como também pelo trabalho subsequente de muitos antropólogos, como Leopoldi (1978); Vogel, Mello e Barros (1998); Cavalcanti (2006; 2022); Silva (2005); Dawsey (2005a; 2005b); Steil (1996), entre outros tantos. Conheci a obra de Victor Turner nos cursos realizados com Roberto DaMatta em 1978.

de Victor Turner (Cavalcanti 2020).² Tomo por base as apresentações orais realizadas em duas oportunidades particularmente felizes em meio aos duros desafios da pandemia. A primeira foi a aula “A antropologia de Victor Turner”, ministrada em abril de 2021 no curso *on-line* Teorias & Histórias da Antropologia, no PPGAS da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A segunda foi a conferência “Kavula!: Drama, Ritual e Performance na Obra de Victor Turner”, proferida em dezembro do mesmo ano no evento comemorativo dos 20 anos do Núcleo de Antropologia, Performance e Drama (Napedra) da Universidade de São Paulo (USP).³

Depois de breves comentários sobre a obra e o contexto de formação de Turner, retomo o fio central do argumento então apresentado: o impulso propulsor da criativa inquietude dessa obra fulgura em seu livro de estreia, *Schism and Continuity in an African Society*, de 1957 (V. Turner 1957/1996),⁴ abrigado pelo conceito guarda-chuva de ritual, e pode ser capturado por uma leitura etnográfica do conceito de drama social. De modo liminar, a noção de ritual emerge nesse livro como uma potente contracorrente narrativa, que permite ligar e religar de modo orgânico conceitos forjados em diferentes etapas da trajetória do autor. Em *Cisma e Continuidade* se anunciam inovações que, em desalinho com os caminhos mais conhecidos do estrutural-funcionalismo então em voga, prenunciam percursos subsequentes. A etnografia de Victor Turner realizada entre os Ndembu,⁵ no noroeste da atual Zâmbia, dialogará com temas ocidentais tão distintos como a baleia branca do romance de Herman Melville (1992), as sagas nórdicas, as peregrinações católicas, as ordens franciscanas, o movimento *hippie* e as performances teatrais.⁶

Quatro livros de Victor Turner e um ensaio de sua autoria foram traduzidos para o português. Em 1974, a coleção “Antropologia Social” da editora Vozes, dirigida por Luiz de Castro Faria e Roberto DaMatta, publicou *O Processo Ritual* (V. Turner 1969/1974). Em 2005 e em 2008, a editora da Universidade Federal Fluminense (UFF) publicou *Floresta de Símbolos: Aspectos do Ritual Ndembu* (com apresentação de Roberto DaMatta) e *Dramas, Campos e*

2. O leitor interessado encontrará nesse livro um quadro geral da obra de Victor Turner e a análise de três de suas marcantes contribuições ao pensamento antropológico: os conceitos de drama social, símbolo ritual e performance. Em apêndice encontram-se também as entrevistas realizadas com Roberto DaMatta e Yvonne Maggie que falam de sua interlocução com Victor Turner e sobre a recepção dessa obra nos anos 1970. O livro recebeu resenhas de Everardo Rocha e William Corbo (2021) e de John Dawsey (2021).

3. Meu obrigada, respectivamente, a Susana Durão e a John Dawsey pelos estimulantes convites.

4. De modo a facilitar a leitura, no que se segue refiro-me a esse livro pelo título traduzido ao português, *Cisma e Continuidade numa Sociedade Africana*, ou mais simplesmente *Cisma e Continuidade*.

5. Seguindo a regra gramatical portuguesa relativa aos gentílicos, pluralizo a palavra *ndembus*. Utilizo *Ndembu* com maiúscula quando o termo se refere a esse povo como uma coletividade que se percebe distinta dos demais.

6. Para esse último aspecto, ver Schechener (1987; 2001). Sobre a carreira e publicações de V. Turner, ver Manning (1990).

Metáforas: Ação Simbólica na Sociedade Humana. O ensaio “Dewey, Dilthey e Drama”, publicado postumamente em Turner e Bruner (V. Turner 1986), foi traduzido pelo 13º número de *Cadernos de Campo*, de 2005. Em 2017, a editora da UFRJ publicou *Do ritual ao Teatro: a Seriedade Humana de Brincar. Schism and Continuity in an African Society*, de 1957 (V. Turner 1957/1996), não foi traduzido até o momento.

O afastamento de Victor Turner dos terrenos clássicos da antropologia foi muito valorizado no contexto da virada antropológica pós-moderna (Engelke 2004). Suas formulações iniciais, entretanto, mantêm inconteste fecundidade. Vale a pena revisitar a abordagem do ritual que emerge diretamente da experiência vivida por Victor Turner entre os Ndembu nos anos 1950. Mais tarde, dispersa e fragmentada nos muitos ensaios e artigos que vieram a compor sua obra, essa intensa pesquisa de campo articulada e narrada em *Cisma e Continuidade* detinha especial interesse.

O ESTUDO DOS RITUAIS

O estudo dos rituais e o interesse de Victor Turner pela força de ação e atração dos símbolos remete às formulações de Émile Durkheim elaboradas em *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (Durkheim 1912/1996): o ritual é apreendido como o centro ativo, dinâmico e criativo da vida social, atuando por meio da simbolização.⁷ Entretanto, não se encontra na obra de Turner uma teoria sistemática do ritual. Algumas definições propostas por ele são muito restritivas e mesmo conservadoras⁸ ou demasiado amplas e não fazem justiça a seu próprio pensamento, cheio de *insights* conceituais. O que Turner elabora de modo mais sistemático nos primeiros capítulos de *Floresta dos Símbolos* é uma teoria do símbolo ritual. Contudo, os variados aspectos de sua obra religam-se sempre, de algum modo, ao tema matriz do ritual, que funciona como um elemento propulsor de seus rumos intelectuais e existenciais (Grimes 1990).

Ritual atravessa a obra de Turner como uma espécie de eixo centrífugo em torno do qual giram conceitos fragmentários que iluminam a força da ação e atração dos símbolos e o lugar do sujeito na experiência dos

7. Veja-se em especial o capítulo VII do livro II de *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (Durkheim, 1912/1996). No viés da argumentação de Durkheim, não há dualidade entre a ordem social e sua representação simbólica: a ordem social é construída e apreendida pela consciência por meio do simbolismo das representações. Ou seja, o conceito de representação em Durkheim não é mimético.

8. Um exemplo marcante dessa incongruência teórica, que costuma confundir muito a leitura dos estudantes, emerge logo no início do mesmo capítulo em que Victor Turner elabora de modo brilhante e ousado sua teoria do símbolo ritual. Ritual é ali definido de modo empobrecedor como “o comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos” (V. Turner 2005, 49).

processos sociais. Em seu livro de estreia (V. Turner 1957/1996), destaca-se o conceito de drama social com suas conhecidas fases a expressarem e organizarem rupturas e/ou reorganizações nas relações sociais. Em meio à fase de regeneração, como veremos, a realização de rituais se fazia marcante. A natureza processual do desenrolar dos dramas em etapas bem definidas é, por sinal, homóloga à dos ritos de passagem conceituados por Van Gennep (1909/1969), cuja etapa liminar logo interessaria particularmente a Turner pela pujança da ação dos símbolos rituais em sua duração (V. Turner 2005). O mesmo impulso prosseguiria com a extensão e metamorfose da liminaridade para os ressonantes temas da *communitas* – aquele estado extraordinário da vida social em que hierarquias e distinções sociais características da estrutura social das diferentes comunidades são transcendidas pela experiência de laços humanos essenciais e genéricos da antiestrutura (V. Turner 2008, V. Turner e E. Turner 1978).⁹ Nesse momento da carreira de Turner, destaca-se também o enfoque processual do ritual que organiza as análises de rituais de cura e aflição em que se expressam simbolicamente tensões e conflitos da vida social, bem como de ritos de passagem masculinos ou femininos (V. Turner 1962; 1968; 1986; 2008) e de romarias católicas (V. Turner e E. Turner 1978). Suas conceituações foram vistas como contribuições centrais à antropologia das religiões (De Boeck e Devisch 1994, Deflem 1991, Weber 1995).

Ao ritual associou-se também ao interesse pelas noções de performance e de experiência (Dawsey 2005a; 2013, St. John, 2008a; 2008b), articuladas e esboçadas em seus últimos e/ou póstumos trabalhos (V. Turner 1982; 1985; 1986; 1987c; 1987d). Tais elaborações realimentaram o diálogo entre a antropologia e as artes cênicas e narrativas, configurando a área interdisciplinar dos estudos de performances. Essa aproximação elaborada ao final de sua vida entre performance/drama ritual e performance/drama teatral retomou, de certo modo, a pletora conceitual do drama social, que marcou sua estreia no cenário da antropologia mundial.

Em razão de tantas interligações, é importante apreender as ideias de Victor Turner em movimento por entre seus textos, os quais se espraiam por diversos assuntos e muitos campos da antropologia: religião; narrativas e literatura; festas e rituais (no sentido etnográfico de ocasiões extraordinárias, em franco contraste com atividades cotidianas); poder e política; formas expressivas e performances; cura, saúde e corporalidade, entre outros. Historiadores, dramaturgos e estudiosos das artes e das performances interessaram-se pela obra de Turner, aproveitando-a e elaborando-a de modos próprios.

9. Os conceitos de liminaridade e de *communitas* ainda se desdobrariam naquele de liminóide, distinto do liminar. A esse respeito, ver Dawsey (2021).

A amplitude do impacto de sua obra parece derivar do fato de que, mesmo desenvolvido de modo fragmentário, ou talvez justamente por isso, o tema do ritual traz aquilo que a distingue de modo notável: a compassiva empatia que transborda em seu estilo narrativo e resulta da apreensão do sentido da vivência experimentada pelos sujeitos da ação social. Desde seu livro inaugural, Turner apreende como ninguém a experiência socialmente compartilhada como vivência subjetivada e, com isso, faz emergir o lugar da afetividade na vida social, pelo qual a antropologia atual tanto se interessa. Essa afetividade é entendida como a vida emocional em sentido amplo, aquela dimensão do vivido situada para além da expressão social das emoções e sentimentos, que está aquém ou além da linguagem verbal mais consciente (Green 1973).¹⁰

As análises dos símbolos em ação ritual propostas por Turner abrem espaço para as dimensões latentes ou inconscientes da experiência social tal como experimentadas pelos sujeitos e também para o indizível, ou seja, aquilo para o que sempre faltam palavras para expressar. Talvez por isso, além de seu grande interesse pela psicanálise de Freud, Jung e Bettelheim, ele tenha se convertido ao catolicismo no final dos anos 1960 e algumas de suas formulações mais tardias revistam-se de um certo misticismo. Talvez por isso ele tenha se entregado tão apaixonadamente à aproximação entre dramas e rituais sociais e dramas e performances teatrais. Sua antropologia buscou, de certo modo, contemplar o indizível e estender os limites do dizível.

CONTEXTO E FORMAÇÃO INTELECTUAIS

A noção de experiência, particularmente relevante na obra de Turner, tem raízes na tradição antropológica consagrada por Bronislaw Malinowski. *Argonautas do Pacífico Ocidental* (Malinowski 1922/1976), como sabemos, associou de modo inextricável a narrativa etnográfica à vivência de uma experiência de imersão no “campo”, por conta da ênfase dada ao compartilhamento pelo pesquisador do fluxo da vida social tal como vivida cotidianamente pelos nativos. Subjaz a esse paradigma a ideia de Dilthey (2010) – a cujo estudo Turner se dedicaria no final de sua vida (V. Turner 1986) – de que a vida só pode ser apreendida de dentro da própria vida.

Na chamada antropologia social britânica, contexto de formação de Turner entre os anos 1940-1950, a noção de experiência ressoava fortemente nos trabalhos de Evans-Pritchard (1956; 2005; 2014) sobre os Nuer e os Azande,

10. Esse aspecto do trabalho de Turner foi decisivo para a apreensão da produção ritual da rivalidade no Bumbá de Parintins, Amazonas (Cavalcanti 2018; 2022). A visão do ritual como processo orgânico desdobrado no tempo, por sua vez, organizou a etnografia do carnaval em Cavalcanti (2006).

nos de Meyer Fortes (1945; 1949; 1987; 2014) sobre os Tallensi, no de Godfrey Lienhardt (1961) sobre os Dinka (que se chama justamente *Divinity and Experience*), nos de Max Gluckman (1961; 1963; 1974), Audrey Richards (1956/1982), Monica Wilson (1954/2014; 1957) – a quem, por sinal, Turner dedica *Floresta de Símbolos* – e Hilda Kuper (1944/2014), entre outros.¹¹ Em meio à dinâmica das relações sociais enfocadas, os rituais, com sua fisicalidade e materialidade simbólica, imiscuíam-se nas experiências de campo dos pesquisadores e se impunham como que por si.

Já na obra de estreia de Victor Turner (1957/1996), dois elementos associados à noção de experiência tornam sua antropologia – com o lugar central nela ocupado pelo ritual – muito singular. O primeiro é a abertura para a presença etnográfica dos sujeitos da ação que transforma a experiência vivida coletivamente em vivência subjetivada: há no exame da ação social pessoas que analisam, conversam e refletem, interferindo no curso do desenrolar das interações sociais. Essa abordagem, embora não explicitada conceitualmente, emerge na narrativa etnográfica, e a ela parece subjazer a importante distinção feita por Wilhelm Dilthey entre vivência (*Erlebnis*) e experiência (*Erfahrung*) (Dilthey 2010). Como veremos, a análise e a narrativa antropológica dos dramas vividos pelos ndembus em *Cisma e Continuidade* se enchem da vivacidade e densidade humanas de personagens que perduram em nossa memória como se fossem nossos conhecidos. O segundo é o *páthos* do estilo narrativo compassivo de Victor Turner que emerge nesse livro e comparece em outros textos. Sua leitura parece fazer da antropologia um lugar possível de vivência de uma espécie de *communitas* ao iluminar o sofrimento, a finitude, as impossibilidades e tensões da vida entre diferentes culturas e sociedades humanas.

OS NDEMBU E OS DRAMAS SOCIAIS

A pesquisa de campo entre os Ndembu foi realizada por Victor Turner, sempre com a ativa participação de sua esposa Edith Turner (1987), entre 1950 e 1954, sob os auspícios do Instituto Rhodes-Livingstone e sob a orientação de Max Gluckman, na antiga Rodésia do Norte, atual Zâmbia.¹² Os Lunda-Ndembu teriam vindo do Congo, após a dissolução do reinado do grande chefe congolês Mwantiyanywa, cerca de 200 anos antes, ou seja, em meados do século XVIII. Em seu movimento migratório, eles parecem ter perdido qualquer autoridade central e organização militar,

11. No caminho de minhas pesquisas sobre Victor Turner, dei-me conta da carência de textos clássicos sobre o estudo dos rituais disponíveis para os alunos de graduação e organizei a coletânea *Ritual e Performance: 4 Estudos Clássicos* (Cavalcanti, 2014), em que traduzi textos de Evans-Pritchard, Meyer Fortes, Hilda Kuper e Monica Wilson. Para a recontextualização das pesquisas então realizadas no continente africano, ver Schumaker (2001).

12. A pesquisa ocorreu entre dezembro de 1950 e fevereiro de 1952 e entre maio de 1953 e junho de 1954.

fragmentando-se em pequenos e virtualmente independentes reinados. Quando o casal Turner se estabeleceu no distrito de Mwinilunga (considerado o mais tradicional), logo constatou a ausência na prática de qualquer poder político central organizado. O distrito tinha então 18 mil habitantes, e Edith e Victor basearam suas pesquisas na aldeia Mukanza, nome ficcional atribuído pelo autor à aldeia Kajima. Eles encontraram os Ndembu organizados em aldeias que abrigavam em média 12 cabanas, espalhadas por cerca de 11 mil km² de uma floresta cortada por riachos e rios que correm para o grande rio Zambezi. Eram caçadores e cultivadores da cassava e do milho (para comida e cerveja) em plantações localizadas nas margens dos riachos.¹³

A simplicidade e a monotonia da vida econômica e doméstica contrastavam com a complexidade do simbolismo de uma intensa vida ritual, na qual se forjava, como argumenta Turner, o sentido de unidade entre os Ndembu. Tal unidade, segundo o autor, não seria política, mas moral, instaurada por meio dos símbolos acionados nos muitos rituais que pontuavam a vida social. Essa intensa presença dos rituais na vida ndembu é situada por Turner dentro da dinâmica social encontrada em suas aldeias, governada pela tensão latente entre os valores compartilhados e explicitados pelos aldeões e a prática social observada pelo pesquisador. Sempre latente e por vezes manifesta na conduta do dia a dia dos aldeões, essa tensão será apreendida como derivada dos princípios estruturais conflitantes que organizam a vida social ndembu. O conceito de drama social que fulgura no livro emerge dessa tensão observada na experiência direta de convívio e apreendida teoricamente por meio do conceito de estrutura social (Radcliffe-Brown 2013).

Turner conta que o ideal de uma aldeia ndembu era perdurar no tempo. Para tanto, era preciso garantir a transmissão da chefia entre os adultos sêniores das diferentes gerações ativas de forma consensual, tarefa particularmente difícil, pois a vacância da chefia ocasionada pela morte de um chefe significava a emergência de conflito potencial entre os sêniores que ambicionavam tal posição. Até aí tudo parece não diferir muito de outros contextos sociais. Porém, por razões estruturais particulares, esse

13. Entre os anos 1980 e 1990, James Pritchett (2001) pesquisou a mesma região, valorizando comparativamente os dados então obtidos por Turner. Ele enfocou a questão da mudança social numa região afetada, de modo central ou periférico, pelas guerras que precederam as independências das antigas colônias e os inúmeros conflitos e problemas que se sucederam e transformaram fundamentalmente a natureza dos relacionamentos das sociedades africanas no mundo. Diante da notável constatação de que os Lunda-Ndembu falavam de si como um povo que havia sabido manter suas tradições, sua pesquisa revela os processos de memória e o manejo de escolhas que articularam as transformações à construção de continuidades culturais. “Os Lunda demonstraram uma notável capacidade de experimentar e modificar todos os seus sistemas em resposta tanto a pressões externas como a suas aspirações internas” (Pritchett 2001, 35, tradução livre).

conflito era vivido pelos ndembu de modo agudo e irremediável, o que dificultava a realização do ideal de longa duração de uma aldeia.

Em 64 aldeias levantadas na mostra quantitativa empreendida por Turner, apenas uma perdurava havia 12 gerações. A média de duração de uma aldeia seria de seis gerações e, nos anos 1950, a aldeia Mukanza estaria íntegra havia nove gerações.

As razões do conflito entre valor ideal e realidade social que envolvia todos os ndembus foram identificadas por Turner na combinação da regra da matrilinearidade com a regra de casamento virilocal. A base residencial das aldeias se organizava a partir do princípio da matrilinearidade, ou seja, os direitos de herança eram transmitidos à nova geração pelos ascendentes femininos da linhagem.¹⁴ No entanto, a regra virilocal de casamento fazia com que as mulheres, ao se casarem, fossem morar na aldeia da matrilinearidade do marido. Disso resultava que parentes masculinos matrilinearmente relacionados, para ficarem juntos e assegurarem a coesão da vida aldeã, precisavam importar mulheres e exportar irmãs. Deslocando-se para a aldeia da matrilinearidade do marido, e nela criando seus filhos, as mulheres com sua prole eram, entretanto, permanentemente alvo do desejo de seus irmãos de retorno à aldeia em que haviam nascido e crescido. Com isso criavam-se grupos de apoio a um de seus irmãos, sênior da matrilinearidade da aldeia que tivesse aspirações à chefia. Por essa razão, o grupo de *siblings* uterinos foi visto por Turner como a unidade social primeira a ameaçar uma aldeia de rompimento. Não é à toa que Turner nos diz que a taxa de divórcio era alta entre os ndembus e que era intensa a circulação individual entre aldeias, embasada não só por laços de parentesco como pelos laços pessoais criados nas redes traçadas pelas constantes atividades rituais.

Essa tendência latente ao conflito que potencialmente levaria à ruptura da aliança entre linhagens e ao fracionamento de uma aldeia seria contrabalançada pelos seguintes mecanismos: se o casamento virilocal durasse, o que era o caso da aldeia Mukanza, os filhos criados na aldeia do pai fundiam-se com os parentes da mãe e do pai em uma geração genealógica que atravessava a família matricêntrica, unindo primos cruzados e primos paralelos. A ligação era, então, assegurada pelos casamentos entre primos cruzados ou pelos casamentos entre gerações alternadas. A situação da aldeia Mukanza era típica dessa busca de equilíbrio, pois seu chefe Mukanza Kabinda, da matrilinearidade Nyachintang'a, dominante na aldeia, teria como principal esposa Nyamukola, duas gerações abaixo e membro da matrilinearidade Malabu. O casamento selava, assim, de modo

14. Turner observa que a amnésia estrutural começaria tipicamente acima dos ancestrais significativos para os vivos da matrilinearidade da aldeia.

emblemático, a aliança entre as duas matrilineagens que conformavam a unidade da aldeia.

Tudo isso, entretanto, era posto constantemente em cheque. Esse conflito entre os valores que orientavam o ideal de duração das aldeias e a realidade de seu fracionamento, bem mais frequente do que o almejado, fazia emergir o fecundo conceito de drama social. Instaurava, também, a natureza dramática que organiza a própria narrativa de *Cisma e Continuidade*. De forma latente ou manifesta, a pergunta sobre até quando e como a aldeia Mukanza fracionará é mantida por Turner em suspense ao longo do livro. Em um de seus momentos-chave, ele comenta:

Em certas ocasiões durante o meu trabalho de campo, tomei conhecimento de forte distúrbio na vida social do grupo particular que eu estava estudando na época. Todo o grupo podia estar radicalmente dividido em duas facções conflitantes; as partes em disputa podiam abarcar alguns, mas não todos seus membros; ou as disputas podiam ser meramente de cunho interpessoal. Em suma, o distúrbio possuía um grau variável de inclusão. Depois de algum tempo eu comecei a perceber um padrão nessas erupções de conflito: Eu observei fases em seu desenvolvimento que pareciam suceder-se umas às outras em uma sequência mais ou menos regular. Essas irrupções, que eu chamo de ‘dramas sociais’, tem ‘forma processual’. Eu dividi provisoriamente o processo social que constitui o drama social em quatro fases principais: [...]. (V. Turner 1957/1996, 91)

Tais fases são: (1) quebra; (2) crise; (3) ação regenerativa; e (4) reintegração ou reconhecimento do cisma. Com base nessa percepção, Turner formula a natureza dramatúrgica do processo social em curso, tomando por referência a tragédia clássica:

A situação em uma aldeia ndembu pode ser vista como muito próxima daquela encontrada no drama grego no qual o espectador testemunha o caráter inexorável do indivíduo humano diante do Destino: mas nesse caso o destino são as necessidades do processo social. (V. Turner 1957/1996, 94)

A EMERGÊNCIA DO RITUAL EM MEIO AO DRAMA SOCIAL

Clifford Geertz (1997) indicou como a analogia entre a vida social e o drama/teatro estava desde muito disponível nas ciências sociais, tanto na teoria ritual do drama nos estudos clássicos (Harrison 1908) quanto

na ideia da vida como um teatro com o desempenho relativamente consciente de papéis por atores sociais, tal como densamente elaborada por Erving Goffman (1985). No entanto, Geertz (1997) destaca que, com Victor Turner, a ideia de drama surgiu como uma metáfora conceitual aplicada de modo extensivo e sistemático, não incidental, de forma genuinamente dramática: trata-se de fazer e não de fingir, trata-se da possibilidade de transformação da experiência em novas direções.

Cinco dos dramas narrados por Turner interligam-se e neles emerge o notável personagem Sandombu, um dos adultos sêniores integrantes da linhagem Nyachintang'a, a mesma do chefe Mukanza Kabinda. Desde o primeiro drama narrado, o personagem parece aspirar à chefia, acusando ou sendo acusado de feitiçaria e afastando-se e reaproximando-se da vida aldeã. Destaco aqui o drama social V (157-168), narrado e analisado no capítulo V – em que o adulto sênior Sandombu acusa de feitiçaria sua sogra Nyamukola (integrante da linhagem Malabu), esposa do chefe Mukanza Kabinda (da linhagem Nyachintang'a). Vale observar que a fase de regeneração desse drama, em que se enfoca o ritual Chihamba, é abordada em detalhes por Victor Turner (1957/1996) no capítulo X de seu livro. Ora tal ritual, organizado pelo próprio Sandombu, teve como principal paciente/adepta sua sogra, Nyamukola.

Antes de abordarmos Chihamba, vale destacar a riqueza conceitual do drama social. Max Gluckman (1957/1996; 1990) acolheu a tese de Turner elogiosamente e saudou com veemência a natureza processual do drama e o valor da ideia de que o vínculo social se dava não apesar do conflito, mas através dos conflitos. Outras dimensões conceituais, entretanto, merecem ser destacadas e configuram o conceito de drama social como uma verdadeira pletora dos novos caminhos analíticos abertos por Turner em seu percurso antropológico.

Destaco quatro outras dimensões. A primeira é a tensão entre conflito latente *versus* sua expressão manifesta por meio de sentimentos que, experimentados individualmente, vão sendo elaborados coletivamente ao longo da sequência das fases dramáticas. A segunda é a expansão e a natureza pública e progressiva da crise relacional que faz eclodir o drama. Esse processo faz emergir gradualmente a natureza reflexiva da conduta dos principais atores, indicando a subjetivação dos valores ndembu propiciada pela explicitação e elaboração verbalizada das tensões em curso. A terceira dimensão a ser enfatizada é a natureza narrativa do drama: a sequência de ações é sempre narrada direta ou indiretamente pelo pesquisador em uma estratégia propriamente dramática. Os dramas não são, afinal, a apreensão direta de uma realidade, mas transposições narrativas de natureza ficcional – tal como Susan Langer (1953/2003) apreendeu a *poesis* do drama. Trata-se de um processo social observado, relatado em

suas diferentes versões segundo os pontos de vista dos principais atores sociais participantes, tornados personagens. Tudo é então analisado pelo pesquisador, que ordena a sequência das ações finalmente ordenadas dramaturgicamente na narrativa autoral. Essa estratégia autoral fica particularmente nítida quando nós, leitores, nos surpreendemos ao saber, graças ao prefácio de Turner à edição de 1968 de *Cisma e Continuidade*, que a fissão tão esperada da aldeia Mukanza não veio a ocorrer. O autor conta então que, ao contrário do que havia suposto durante a escrita de seu livro, Mukanza Kabinda foi chefe longevo e seu casamento com Nyamukola foi duradouro. Ele morreu em 1967 e foi sucedido sem maiores conflitos por Kasonda, sênior da sublinhagem Nyaghintan'ga e sobrinho materno de Mukanza. Uma quarta dimensão, que conduz ao desfecho do argumento central deste texto, é o lugar estratégico da simbolização/ação ritual na fase de regeneração do drama, abordada com a análise do ritual Chihamba no capítulo X, intitulado “A Função Politicamente Integrativa do Ritual”. Nesse capítulo crítico encontra-se o exame dos símbolos em ação ritual, dispondo de ambivalência e dimensões inconscientes, bem como o grande interesse do autor pela corporalidade e pela dimensão de revelação, *communitas* e performance presente no ritual.

CHIHAMBA E KAVULA

Os ritos de aflição são ritos de cura destinados a reequilibrar a saúde física e mental dos pacientes/adeptos, pois, como na psicanálise, entre os Ndembu todos os pacientes são potenciais curadores. Trata-se de transformar a perturbação em poder curativo. A participação no rito, em vista da almejada cura, torna o paciente necessariamente um adepto apto a tornar-se gradualmente um conhecedor dos segredos do ritual. Tudo se passa dentro da visão de mundo dos ndembus, que associa infortúnios, doenças e aflições à ação de espíritos de ancestrais mortos.

Turner considerou tais rituais decisivos para compreender o sentimento de pertencimento dos ndembus a um só povo, distinto dos demais vizinhos com os quais não deixavam de travar inúmeros contatos. Numa formulação sintética, ele afirma: “A unidade primordial dos ndembus se expressa na composição das assembleias rituais” (V. Turner 1957/1996, 290). Como assinalaria Gluckman em seu elogioso prefácio datado de 1956, trata-se da constituição de uma “comunidade de sofrimento” (M. Gluckman 1957/1996, XIX).

O princípio dos ritos de cura é “trazer o ancestral ofendido de volta à memória” (V. Turner 1957/1996, 295). Chihamba, o principal rito de aflição dos ndembus, era considerado “muito pesado”; “um espírito que se manifesta no Chihamba pode matar a pessoa afligida”; “uma espécie de

compêndio de todos os infortúnios que podem acontecer a alguém” (V. Turner 1957/1996, 303 e 304).

O casal Turner assistiu a 31 performances de 15 tipos de ritos de aflição, e o autor detalha o Chihamba que presenciou em seu segundo período de permanência entre os ndembus, em 1953 e 1954. Esse processo ritual abarcava várias fases e tinha como principal promotor Sandombu e como principal doente Nyamukola, a esposa de Mukanza Kabinda, acusada no drama V de feitiçaria por seu genro, Sandombu, e adoecida diante da pressão que sofrera. Nesse ritual, Turner registrou a presença de 71 adeptos/candidatos oriundos de 20 aldeias diferentes, pertencentes, por sua vez, a sete regiões diferentes. O número de espectadores nas fases públicas teria chegado a 400 pessoas em uma das noites.

A hierarquia do ritual distinguia os adeptos seniores que conduziam a sequência das etapas a seu devido termo e os pacientes-iniciantes a serem curados. A almejada cura era posta em curso por meio da rememoração e nomeação do espírito ancestral que afligia cada paciente.¹⁵ Não foram os mecanismos divinatórios que chamaram a atenção de Turner nesse capítulo X, mas sim o estranho personagem-artefato Kavula, um espírito de existência independente. Seu nome deriva de um termo antigo usado para designar tanto o relâmpago destruidor como a chuva fertilizadora da mandioca e de outros grãos cultivados. Ele articula os temas da destruição e da morte àqueles da renovação e da cura, transitando entre um e outro domínio semântico.

Na etapa regenerativa do Chihamba, encenado por um dos adeptos seniores disfarçados, Kavula atuava como um palhaço. Com voz gutural, ele escarnecia e falava indecências para os candidatos/pacientes na casa do principal paciente/parente tratado no ritual. Falava impropérios e, por meio de estranhas perguntas, atribuía a cada um dos pacientes/iniciantes um nome-ritual exclusivo. Na noite seguinte, Kavula, agora tratado como o ancestral originário dos Ndembu (Mwantiyanvwa), humilhava os neófitos, que rastejavam diante dele em louvor. Em seguida, porém, cada um dos neófitos, instruído por um dos adeptos seniores, ao alcançar Kavula – então uma imagem branca em um altar coberto de folhas – devia levantar-se e “matar Kavula”, i.e., bater em sua cabeça com um chocalho especial e exclusivo. A “morte” de Kavula removia finalmente a doença e, ao instaurar a saúde e a fertilidade (V. Turner 1957/1996, 304), correspondia à aquisição da capacidade de cura pelo paciente/adepto.

15. *Revelation and Divination* (V. Turner 1975) aborda esse tema. O livro é, por sinal, dedicado a Muchona, o curandeiro focado no belo capítulo VI de *Floresta de Símbolos* (V. Turner 1967/2005), “Muchona, a Vespa: Intérprete da Religião”.

Ao condensar em si a autoridade ancestral a um só tempo benevolente e opressiva, Kavula emerge na exegese de Victor Turner (1967/2005) trazendo, de modo latente, os principais eixos da teoria do símbolo em ação ritual elaborada no primeiro capítulo de *Floresta de Símbolos*: dinâmica e eficácia, multivocalidade, condensação e a diferenciação entre expressão manifesta e conteúdo latente, associada à apreensão da ambivalência afetiva.

O exame do ritual Chihamba foi retomado por Turner em dois textos escritos em 1962 e 1961 – respectivamente, “Chihamba, the White Spirit” e “Some Notes on the Symbolism of Chihamba”, publicados mais tarde em *Revelation and Divination* (V. Turner 1975). Quando reunimos essas diversas aparições do Chihamba na obra de Turner, revelam-se a natureza multivocal e o papel de condensação teórica contido em seus detalhes etnográficos. Na introdução desse livro, Turner narra como a “majestade da simbologia freudiana do inconsciente” havia emergido para ele como um paradigma central quando lera, *A Interpretação dos Sonhos* (Freud 1900/1997), durante o campo entre os ndembu. Além disso, Chihamba – ritual de aflição promovido na fase regenerativa de um drama social – associa-se ao sentido de totalidade dos ndembus, entendido agora não mais em sua dimensão sociológica. Tendo por foco o sofrimento e a doença experienciados e tratados coletivamente, Chihamba promove o estado antiestrutural de *communitas* entre os ndembus. Ao mesmo tempo, tendo por foco almejado a cura individual, Chihamba emerge também, especialmente por meio do personagem-símbolo Kavula, como expressão da possibilidade da conexão direta e uma dos sujeitos com o fluxo da experiência ritual. Desse enfoque, podemos desdobrar tanto o interesse metafísico e religioso de Victor Turner quanto seu grande interesse pela *performance*, vista como a culminância de um processo vivido. Kavula! Victor Turner, inquieto ancestral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cavalcanti, Maria Laura Viveiros de Castro. 2006. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3a ed. Rio de Janeiro: EdUFRJ.
- Cavalcanti, Maria Laura Viveiros de Castro. 2014. Introdução. In *Ritual e performance: 4 estudos clássicos*, ed. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, 9-19 Rio de Janeiro: 7Letras.
- Cavalcanti, Maria Laura Viveiros de Castro. 2018. O ritual e a brincadeira: rivalidade e afeição no bumbá de Parintins, Amazonas. *Mana: estudos de antropologia social*. vol. 24, no1: 9-38.
- Cavalcanti, Maria Laura Viveiros de Castro. 2020. *Drama, ritual e performance: a antropologia de Victor Turner*. Rio de Janeiro: Mauad X.

- Cavalcanti, Maria Laura Viveiros de Castro. 2022. *Rivalidade e afeição: ritual e brincadeira no bumbá de Parintins, Amazonas*. Manaus: UEA Autografia.
- DaMatta, Roberto. 1973. *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis: Vozes.
- DaMatta, Roberto. 1979. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar.
- DaMatta, Roberto. 2000. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *Mana: estudos de antropologia social*, vol. 6, no. 1): 7-29.
- Dawsey, John. 2005a. Victor Turner e a antropologia da experiência. *Cadernos de Campo*, vol. 13, no. 13: 163-176.
- Dawsey, John. 2005b. O teatro dos boias-frias: repensando a antropologia da performance. *Horizontes Antropológicos*, vol. 11, no. 24: 15-34.
- Dawsey, John. 2013. Tonatzin: Victor Turner, Walter Benjamin e antropologia da experiência. *Sociologia & Antropologia*, vol. 3, no. 6: 379-410.
- Dawsey, John. 2021. Victor Witter Turner, Kavula! *Sociologia & Antropologia*, vol. 11, no. 3: 1107-1011.
- De Boeck, Filip and Rene Devisch. 1994. Ndembu, Lunda and Yaka divination compared: from representation and social engineering to embodiment and worldmaking. *Journal des Religions Africaines*, vol. 24, no. 2: 1-23.
- Deflem, Mathieu. 1991. Ritual, anti-structure, and religion: a discussion of Victor Turner's processual symbolic analysis. *Journal for the Scientific Study of Religion*, vol. 30, no. 1: 1-25.
- Dilthey, Wilhelm. 2010. *Filosofia e educação*. São Paulo: Edusp.
- Durkheim, Émile. 1912/1996. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Engelke, Mathew. 2004. The endless conversation: fieldwork, writing, and the marriage of Victor Turner and Edith Turner. In *Significant others: interpersonal and professional commitments in anthropology*, ed. Richard Handler, 6-49. Madison, WI: The University of Wisconsin Press.
- Evans-Pritchard, Edward Evan. 1956. *Nuer religion*. Oxford: Oxford University Press.
- Evans-Pritchard, Edward Evan. 2005. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Evans-Pritchard, Edward Evan. 2014. A dança. In *Ritual e performance: 4 estudos clássicos*, ed. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, 21-38. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Fortes, Meyer. 1945. *The dynamics of clanship among the Tallensi*. Oxford: Oxford University Press.
- Fortes, Meyer. 1949. *The web of clanship among the Tallensi*. Oxford: Oxford University Press.
- Fortes, Meyer. 1987. *Religion, morality and the person: essays on Tallensi religion*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fortes, Meyer. 2014. Festivais, rituais e coesão social no interior da Costa do Ouro. In *Ritual e performance: 4 estudos clássicos*, ed. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, 39-58. Rio de Janeiro: 7Letras.

- Freud, Sigmund. 1900/1997. *The interpretation of dreams*. New York: Avon Books.
- Geertz, Clifford. 1997. *O saber local*. Petrópolis: Vozes.
- Gluckman, Max. Prefácio. 1957/1996. In *Schism and continuity in an African society*, ed. Victor Witter Turner, XV-XX. Manchester: Manchester University Press.
- Gluckman, Max. 1961. Les rites de passage. In *Essays on the ritual of social relations*, ed. Max Gluckman, 1-52. Manchester: Manchester University Press.
- Gluckman, Max. 1963. *Order and rebellion in tribal Africa*. London: Cohen & West.
- Gluckman, Max. 1974. Ritos de rebelião. *Cadernos de Antropologia*, no. 4.
- Gluckman, Max. 1990. O material etnográfico na antropologia social inglesa. In *Desvendando máscaras sociais*, org. Alba Zaluar, 64-76. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Goffman, Erving. 1985. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- Green, André. 1973. *Le discours vivant*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Grimes, Ronald L. 1990. Victor Turner's definition, theory and sense of ritual. In *Victor Turner and the construction of cultural criticism: between literature and anthropology*, ed. Kathleen Ashley, 141-146. Bloomington, IN: Indiana University Press.
- Harrison, Jane Ellen. 1908. *Prolegomena to the study of Greek religion*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kuper, Hilda. 1944/2014. Um ritual de realeza entre os Suazi. In *Ritual e performance: 4 estudos clássicos*, ed. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, 59-102. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Langer, Susanne. 1953/2003. *Sentimento e forma*. São Paulo: Perspectiva.
- Leopoldi, José Sávio. 1978. Escola de samba, ritual e sociedade. Petrópolis: Vozes.
- Lienhardt, Godfrey. 1961. *Divinity and experience: the religion of the Dinka*. Oxford: Oxford University Press.
- Maggie, Yvonne. 1975. *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Malinowski, Bronislaw. 1922/1976. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural.
- Manning, Frank E. 1990. Victor Turner's career and publication. In *Victor Turner and the construction of cultural criticism: between literature and anthropology*, ed. Kathleen Ashley, 170-177. Bloomington, IN: Indiana University Press.
- Melville, Herman. 1992. *Moby-Dick or the whale*. New York: Penguin Books.
- Pritchett, James A. 2001. *The Lunda-Ndemba: style, change and social transformation in South Central Africa*. Madison, WI: University of Wisconsin Press.
- Radcliffe-Brown, Alfred Reginald. 2013. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes.
- Richards, Audrey. 1956/1982. *Chisungu: a girl's initiation ceremony among the Bemba of Zambia*. Londres: Routledge.
- Rocha, Everardo e William Corbo. 2021. Resenha de *Drama, ritual e performance: a antropologia de Victor Turner*, de Maria Laura Cavalcanti. *Mana*, vol. 27, no. 3.

- Schechener, Richard. 1987. Preface: Victor Turner's last adventure. In *The anthropology of performance*, ed. Victor Turner, 7-20. Nova York: PAJ.
- Schechener, Richard. 2001. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral. *Cadernos de Campo*, vol. 20, no. 20: 213-236.
- Schumaker, Lyn. 2001. *Africanizing anthropology*. Durham: Duke University Press.
- Silva, Rubens Alves. 2005. Entre 'artes' e 'ciências': as noções de performance e drama no campo das ciências sociais. *Horizontes Antropológicos*, vol. 11, no. 24: 35-65.
- Steil, Carlos. 1996. *O sertão das romarias: um estudo antropológico do santuário de Bom Jesus da Lapa, Bahia*. Petrópolis: Vozes.
- St. John, Graham. 2008a. Introduction. In *Victor Turner and contemporary cultural performance*, ed. Graham St. John, 1-37. New York: Bergham Books.
- St. John, Graham. 2008b. *Victor Turner and contemporary cultural performance*. New York: Bergham Books.
- Turner, Edith. 1987. *The spirit and the drum: a memoir of Africa*. Tucson, AZ: Arizona University Press.
- Turner, Victor W. 1957/1996. *Schism and continuity in an African society*. Manchester: Manchester University Press.
- Turner, Victor W. 1962. Three symbols of passage in Ndembu circumcision ritual: an interpretation. In *Essays on the ritual of social relations*, org. Daryll Forde, Meyer Fortes, Max Gluckman, Victor W. Turner, 124-173. Manchester: Manchester University Press.
- Turner, Victor W. 1967/2005. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF.
- Turner, Victor W. 1968. *The drums of affliction: a study of religious processes among the Ndembu of Zambia*. Oxford: Oxford University Press.
- Turner, Victor W. 1969/1974. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes.
- Turner, Victor W. 1975. *Revelation and divination in Ndembu ritual*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Turner, Victor W. and Edith Turner. 1978. *Image and pilgrimage in christian culture*. New York: Columbia University Press.
- Turner, Victor W. 1982. *From ritual to theatre: the human seriousness of play*. New York: PAJ.
- Turner, Victor W. 1985. *On the edge of the bush: the anthropology of experience*. Tucson, AZ: Arizona University Press.
- Turner, Victor W. 1986. Dewey, Dilthey and Drama: an essay in the anthropology of experience. In *The anthropology of experience*, ed. Victor W. Turner and Edward M. Bruner, 33-44. Urbana, IL: University of Illinois Press.
- Turner, Victor W. 1987a. Carnival in Rio: dyonysian drama in an industrializing society. In *The anthropology of performance*, ed. Victor W. Turner, 123-138. New York: PAJ.
- Turner, Victor W. 1987b. Social dramas in Brazilian umbanda: the dialectics of meaning. In *The anthropology of performance*, ed. Victor W. Turner, 33-71. New York: PAJ.
- Turner, Victor W. 1987c. *The anthropology of performance*. New York: PAJ.

- Turner, Victor W. 1987d. The anthropology of performance. In *The anthropology of performance*, ed. Victor W. Turner, 72-98. New York: PAJ.
- Turner, Victor W. 2005. Dewey, Dilthey e drama: um ensaio em antropologia da experiência. Trad. Herbert Rodrigues. *Cadernos de Campo*, vol. 13, no. 13: 177-185.
- Turner, Victor W. 2008. *Drama, campos e metáforas*. Niterói: EdUFF.
- Turner, Victor. 2017. *Do ritual ao teatro: a seriedade humana do brincar*. Rio de Janeiro: EdUFRJ.
- Van Gennep, Arnold. 1909/1969. *The rites of passage*. Chicago, IL: Chicago University Press.
- Vogel, Arno, Marco Antonio Mello e José Felipe Barros. 1998. *Galinha d'Angola: iniciação e identidade na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Weber, Donald. 1995. From limen to border: a meditation on the legacy of Victor Turner. *American Quarterly*, vol. 47, no. 3: 525-536.
- Wilson, Monica. 1954/2014. Ritual e simbolismo entre os Nyakyusa. In *Ritual e performance: 4 estudos clássicos*, ed. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, 103-122. Rio de Janeiro: 7Letras,
- Wilson, Monica. 1957. *Rituals of kinship among the Nyakusa*. Oxford: Oxford University Press.

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti é Mestre e Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e professora titular na UFRJ, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA). Coordena o Núcleo de Estudos Ritual e Sociabilidades Urbanas (Risú) no PPGSA/UFRJ. E-mail: cavalcanti.laura@gmail.com / www.marialauracavalcanti.com.br

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 19/09/2022
Reapresentado em: 25/10/2022
Aprovado em: 11/11/2022